

O AMOR E A MORAL CRISTÃ REFLEXÕES A PARTIR DA PRIMEIRA CARTA DE SÃO JOÃO

Pe. Luiz Henrique Brandão de Figueiredo

Doutor em Teologia Moral pela Academia Afonsiana de Roma.
Instituto Superior de Teologia Moral – Universidade Lateranense.
E-mail: luizbf1@hotmail.com

Pe. Mariosa de Sousa Marques

Mestre em Exegese pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma.
E-mail: mariosansousa@hotmail.com

Resumo: As palavras “amor” e “moral” estão significativamente presentes, de modo formal e informal, na nossa vida. Apesar da imprecisão semântica da palavra “amor” e da visão pejorativa da palavra “moral”, cremos que, na experiência cristã, existe entre elas uma íntima ligação, de modo que o “amor” é o fundamento e o critério da “moral”. Neste artigo, procuraremos compreender como o “amor” e a “moral” se relacionam na vida do discípulo de Cristo. Propomo-nos a estudar o tema partindo da Primeira Carta de São João e fazendo uma reflexão moral sistemática sobre como esses dois elementos se unem na vida de um cristão.

Palavras-chave: Amor. Moral. Vida cristã.

Abstract: The words “love” and “moral” are significantly present, formally and informally, in our life. Despite the semantic imprecision of the word “love” and the pejorative view of the word “moral” we believe that, in the Christian experience, there is an intimate connection between them, so that “love” is the foundation and the criterion of “moral”. In this article, we seek to understand how “love” and “moral” are related in the life of Christ’s disciple. We propose to study the subject starting from the First Letter of St. John and making a systematic moral reflection on how these two elements

come together in the life of a Christian.

Keywords: Love. Moral. Christian life.

Resumen: Las palabras “amor” y “moral” están significativamente presentes, en modo formal e informal en nuestra vida. Non obstante la imprecisión semántica de la palabra “amor” y la visión despreciativa de la palabra “moral”, creemos que en la experiencia cristiana existe entre ellas una íntima unión, de modo que el “amor” es fundamento y criterio de la moral. En este artículo buscaremos comprender como el “amor” y la “moral” se relacionan en la vida del discípulo de Jesucristo. Propondremos estudiar el tema partiendo de la Primera Carta de San Juan, elaborando una reflexión moral sistemática sobre cómo estos dos elementos se unen en la vida de un cristiano.

Palabras clave: Amor. Moral. Vida cristiana.

Sommario: Le parole “amore” e “morale” sono significativamente presenti, di modo formale e informale, nella nostra vita. A prescindere dalla imprecisione semantica della parola “amore” e della visione peggiorativa della parola “morale” crediamo che, nella esperienza cristiana, esiste tra di esse un intimo legame, di modo che “amore” è il fondamento e il criterio della “morale”. In questo articolo, ci preoccuperemo di comprendere come

"l'amore" e la "morale" si relazionino nella vita del discepolo di Cristo. Ci proporremo di studiare il tema partendo dalla Prima Lettera di San Giovanni, eseguendo una riflessione morale sistematica su come questi due elementi si uniscano nella vita di un cristiano.
Parole chiave: Amore. Morale. Vita cristiana.

Résumé: Les mots "amour" et "moral" sont présents de manière significatifs en notre vie, soit de façon formelle soit de façon informelle. Malgré le manque de précision sémantique du mot "amour" et de du sens péjoratif que le

mot "moral" a acquit, nous croyons que dans l'expérience chrétienne existe parmi ces mots un lien intime, de sorte que l'"amour" est le fondement et le critère de la "morale". Dans cet article nous chercherons à comprendre comment l'"amour" et la "morale" se mettent en rapport dans la vie du disciple du Christ. Nous proposons d'étudier ce sujet en partant de la Première Lettre de Saint Jean et de faire une réflexion morale systématique sur la façon dont ces deux éléments se rejoignent dans la vie d'un chrétien.

Mots clés: Amour. Moral. Vie chrétienne.

INTRODUÇÃO

As palavras "amor" e "moral" são usadas com significativa constância no nosso vocabulário comunicativo, formal e informal. Como seu uso nem sempre tem um sentido unívoco, na maioria das vezes em que essas palavras são empregadas, o significado delas parece não ser tão preciso como se desejaria.

Falando especificamente sobre o "amor", o Papa Bento XVI afirma que o termo "tornou-se hoje uma das palavras mais usadas e mesmo abusadas, à qual associamos significados completamente diferentes"¹. Por isso, não é raro que alguém diga a outro "eu te amo", e suas ações não correspondem àquilo que comumente esperamos do conteúdo dessa afirmação. Além disso, é necessário nos lembrar do vasto campo semântico dessa palavra: pode-se falar de amor à pátria, amor à profissão, amor entre amigos, amor ao trabalho, amor entre pais e filhos, entre irmãos e familiares, amor ao próximo e amor a Deus.

Da sua parte, a palavra "moral" ganhou uma conotação prevalentemente negativa, associada a termos de significado pejorativo, tais como "moralismo", "moralista", etc. Simultaneamente, sua compreensão distanciou-se gradativamente do termo "ética", sendo relegada ao âmbito da religião e

¹ BENTO XVI, papa. *Carta encíclica Deus caritas est*. São Paulo: Paulus, 2006, n. 2.

associada, muitas vezes, a um código de leis impostas aos adeptos de um credo e que deveriam ser estritamente cumpridas, sob pena de punição². Por esses motivos, a palavra “moral” passou a ser vista com desconfiança e até mesmo rejeitada nos círculos reflexivos.

Apesar de tal imprecisão semântica da palavra “amor” e da carga negativa que recai sobre a palavra “moral”, observadas na atualidade, poderíamos nos perguntar: existe entre esses dois termos, incluindo a experiência concreta deles, alguma ligação? Cremos que sim! Na experiência cristã, o amor e o modo como decidimos e vivemos a vida estão estreitamente ligados, a ponto de Jesus mesmo dizer: “Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). Ter o amor como fundamento e critério e atuá-lo livre e conscientemente, que é o âmbito da vida moral, é o que distingue o discípulo de Jesus.

Como objetivo de compreender como o “amor” e a “moral” se relacionam na vida do discípulo de Cristo é que propomos este artigo. Faremos isso em dois momentos. No primeiro, procuraremos fazer uma exposição do tema, segundo o princípio conciliar da renovação da teologia moral, ou seja, uma reflexão mais alimentada pela Sagrada Escritura, a qual deve revelar a grandeza da vocação dos fiéis em Cristo e a sua obrigação de dar frutos na caridade para vida do mundo³. Por isso, veremos a ligação existente entre “amor” e “moral” a partir do ensinamento da Primeira Carta de São João. No segundo momento, faremos uma análise do ponto de vista da moral sobre como esses dois elementos são assumidos dentro da experiência cristã.

² Essa separação entre moral e ética, prevalentemente de cunho ideológico, nos parece ser arbitrária. “Moral” vem do latim –, *mōs*, *mōris* – enquanto “ética” vem do grego – ἠθικός – e ambas palavras tem o mesmo significado: costume, uso, comportamento, modo de ser (Cf. AA.VV. *Dicionário De Latim-Português*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2011. p. 306; RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2013. p. 146), ou seja, indicam uma maneira comum de agir de uma pessoa ou comunidade, diferenciando-se somente pela origem linguística.

³ Cf. CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965. Decreto *Optatum totius*. (sobre a formação sacerdotal). In:_____. *Documentos do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 1966. n. 16.

1. O ENSINAMENTO MORAL DA PRIMEIRA CARTA DE SÃO JOÃO

Prescindindo da questão sobre quem seria verdadeiramente o autor da chamada "Primeira Carta de São João"⁴, certo é que este escrito neotestamentário possui, juntamente com o quarto Evangelho, uma unidade teológica⁵ que nos oferece um precioso contributo para nossa reflexão: o chamado "princípio do amor" como elemento da mensagem moral contida no "Corpus Joanino". Com o objetivo de entender o que significa este princípio e qual a sua relevância provocativa dentro da nossa tese, é que nos propomos a estudar em linhas gerais a 1Jo⁶.

1.1 O CONTEXTO DA PRIMEIRA CARTA DE SÃO JOÃO

Antes de entrarmos diretamente nas considerações referentes ao texto da carta e que dizem respeito ao tema proposto, é importante compreendermos, mesmo que brevemente, o contexto deste livro. A partir da compreensão da índole literária do texto, se pode concluir que a 1Jo "foi dirigida a um certo número de comunidades localizadas em uma região bem delimitada"⁷. Mesmo sendo difícil determinar precisamente essa região onde vivam as comunidades cristãs destinatárias da carta, sabe-se que o quadro da época mostra uma etapa já evoluída da formação das comunidades cristãs, em virtude das diversas repetições do sintagma "desde o princípio" (Cf. 1Jo 2,7.24; 3,11), que indica uma grande familiaridade com a fé cristã⁸.

⁴ Para melhor estudar a questão sobre o autor do Evangelho e das três cartas atribuídas ao Apóstolo João, poder-se-ia recorrer a SCHNACKENBURG, R. *Cartas de San Juan: versión, introducción y comentario*. Barcelona: Herder, 1980. p. 83-84.

⁵ Cf. SCHNACKENBURG, R. *Il messaggio morale del Nuovo Testamento: I primi predicatori cristiani*: Supplementi al commentario Teologico del Nuovo Testamento. Brescia: Paideia, 1990, p. 193-251.

⁶ A partir desse ponto, todas as vezes que usarmos 1Jo estaremos nos referindo à Primeira Carta de São João.

⁷ SCHNACKENBURG, 1980, p. 82. Cf. DRIVER, S.R.; PLUMMER, A.; BRIGGS, C.A. *A Critical and Exegetical Commentary on the Johannine Epistles*. Edinburg: T&T Clark, 1957. p. 33. Para Morgen, "o grupo joanino se iniciou provavelmente na Síria e se constituiu progressivamente em comunidade na Ásia Menor" (Cf. MORGEN, M. *As Epístolas de João*. Coleção Cadernos Bíblicos 52. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 8).

⁸ Cf. SCHNACKENBURG, 1980, p. 58.

Ao mesmo tempo, supõe-se que o meio em que viviam os destinatários da carta era um território pagão, com elementos característicos do gnosticismo (Cf. 1Jo 5,21), um amplo movimento, com diversas expressões na teologia, filosofia e na espiritualidade, que influenciou também a fé cristã. Isto obrigava os fiéis a se defenderem dos erros doutrinários produzidos por esta influência no seio da comunidade, sobretudo os de caráter cristológico⁹.

Esse dado é importante, pois indica o principal motivo de se escrever a carta: corrigir um erro fundamental da fé em Cristo Jesus. Apoiado naquilo que viu e ouviu (1Jo1,1-4), o autor escreve com um objetivo maior do que fazer uma simples exortação ou edificação, mas de proclamar e defender a fé (Cf. 1Jo 1,1-3; 4,4-6; 5,4-12)¹⁰.

Apesar de não podermos determinar diretamente quais eram as ideias heréticas postuladas, é possível afirmar, pelo conteúdo da carta, que tal heresia, além da divulgação de um erro de cristologia, também defende uma visão errada sobre alguns pontos morais (Cf. 1Jo 1,5-2,11; 3,4-24; 4,20-5,3)¹¹. Neste caso particular, vê-se que as posições morais erradas, particularmente o que diz respeito ao amor fraterno (Cf. 1Jo 2,9-11; 3,10.14s; 3,23; 4,7.11s; 4,8.20; 5,2), estão intimamente ligadas ao erro cristológico¹².

Tendo o caráter de uma resposta concreta à situação das comunidades destinatárias, a carta vai girar em torno de algumas ideias centrais, com especial relevância à questão da fé em Cristo e do amor, que praticamente se manifesta no amor aos irmãos¹³. Vemos, assim, um predomínio teológico da cristologia, de modo que a ética joanina dessa carta seria uma consequência lógica de quem escuta e acolhe a Palavra de Deus, isto é, quem crê em Cristo não poderia senão agir do mesmo modo que Ele, amando os irmãos¹⁴.

⁹ Cf. SCHNACKENBURG, 1980, p. 45, 58. Para Ravasi "trata-se de falsas doutrinas que negam Jesus Cristo vindo na carne" (RAVASI, G. Lettere Apostoliche e Apocalisse. Il Racconto della Bibbia: 10. Milano: San Paolo, 2006, p. 185).

¹⁰ Cf. SCHNACKENBURG, 1980, p. 44, 58.

¹¹ Ibid., p. 59.

¹² Ibid., p. 65; RAVASI, 2006, p. 190.

¹³ Cf. SCHNACKENBURG, 1980, p. 51.

¹⁴ Cf. SCHNACKENBURG, 1990, p. 194.

Sua exposição não segue um sistema linear, como de alguns escritos paulinos, mas os temas são claramente percebidos nos diversos agrupamentos de versículos. Os exegetas não são concordes na proposta de uma estrutura para a carta, mesmo apresentando entre si certos pontos de concordância¹⁵.

Se o erro proeminente a ser combatido era cristológico, então estava em jogo quem era Jesus, qual a verdadeira imagem de Cristo a ser transmitida. Diante desta questão, podemos dar o passo sucessivo, delineando a figura de Jesus que aparece no "Corpus Joanino" e, em particular, na 1Jo.

1.2. O AMOR DO PAI REVELADO NO FILHO

O fim do Evangelho de João e o início da sua Primeira Carta parecem indicar precisamente o objetivo cristocêntrico semelhante de ambos escritos (Cf. Jo 20,30-31 e 1Jo 1,1-4)¹⁶, isto é, de suscitar, de algum modo, a fé em Jesus Cristo, como Filho de Deus, enviado do Pai¹⁷. Em Jesus a história da autorrevelação e da autocomunicação de Deus encontra o seu ponto culminante, pois, em Cristo, o Pai se revela de modo pleno e surpreendente. Nas palavras do próprio Jesus essa verdade é comunicada vivamente: "Aquele que me viu, viu também o Pai" (Jo 14,9).

Jesus é a encarnação da ação, da palavra e da presença de Deus que no Antigo Testamento haviam se concretizado de modo mediado. Há, portanto, uma grande novidade, Jesus é o próprio Deus feito homem (Cf. Jo 1,14), de modo que é Deus, sem mediadores que é presente, age e fala.

¹⁵ Sobre as diversas propostas de uma estrutura para a 1Jo, poder-se-ia recorrer à BROWN, R. E. *Le lettere di Giovanni*. Assisi: Cittadella, 1986; BULTMANN, R. *Le lettere di Giovanni: Commentario teologico del Nuovo Testamento XIII/3*. Brescia: Paideia, 1977; FABRIS, R. *Lettere di Giovanni: Nuovo Testamento Commento esegetico spirituale*. Collana diretta da Santi Grasso: Roma 2007; SCHNACKENBURG, R. *Cartas de San Juan: versión, introducción y comentario*. Barcelona: Herder, 1980.

¹⁶ Cf. MORGEN, 1991, p. 12. Alguns autores evidenciam paralelos também entre o início do Evangelho de João e o início da Primeira Carta de João. É sobretudo Driver quem faz um exame detalhado pondo em paralelo o vocabulário usado pelo Quarto Evangelho e a Primeira Carta de João (Cf. DRIVER; PLUMMER; BRIGGS, 1957, p. 7ss).

¹⁷ Cf. SCHNACKENBURG, 1990, p. 197.

Ao longo de Sua vida, Jesus passou revelando o Pai, o Seu amor misericordioso (Cf. Jo 3,35)¹⁸, e este “amor de Deus “se manifestou”, quer dizer, podemos experimentá-lo, no fato de ter enviado ao mundo o Seu unigênito”¹⁹. A iniciativa parte de Deus, do Seu amor. Ele envia Seu Filho ao mundo dando carne a esse amor. Diante desse amor o mundo é convidado a uma resposta, que pode ser de acolhida ou de rejeição de Cristo.

Como revelador do Pai, “Jesus Cristo trouxe a verdadeira notícia e conhecimento de Deus (Cf. Jo 1,18) e junto também trouxe para o homem uma compreensão de si mesmo capaz de libertá-lo (Cf. Jo 8,36) e de indicarlhe o seu caminho sobre a terra”²⁰. Mas, qual é esta verdade?

Ao se revelar, Jesus mesmo disse ser a Verdade (Cf. Jo 14,6). Quando vemos aparecer o termo “verdade” dentro da teologia joanina, devemos entender bem o seu significado. Verdade deve ser compreendida no sentido da revelação divina que é, ao mesmo tempo, expressão da fidelidade de Deus à Aliança e que se manifesta em sua obra salvadora²¹.

Toda a vida de Jesus, desde a sua encarnação até sua ressurreição, é revelação dessa verdade amorosa e salvífica. Ele é a verdade, isto é, o Deus amoroso e fiel, Deus que ama o homem, que o salva no e por Seu amor. Essa revelação do amor tem seu ponto culminante na morte de Jesus na cruz²². Na cruz, Deus mantém-se fiel a si mesmo na Sua aliança com a humanidade e revela Sua natureza íntima: “Deus é amor” (1Jo 4,8.16). A entrega de sua vida reflete a essência do amor autêntico τὴν ἀγάπην (Cf. Jo 15,12-13)²³.

Ao se revelar, Deus não revela um conteúdo, mas a Si mesmo e o faz por meio não só de palavras, mas também, por meio do Seu agir²⁴. Amando, Deus

¹⁸ Cf. *Ibid.*, p.199.

¹⁹ *Id.*, 1980, p. 255.

²⁰ *Id.*, 1990, p. 202.

²¹ Cf. *Ibid.*, p.204.

²² Cf. SCHNACKENBURG, 1980, p. 259.

²³ *Ibid.*, p.225.

²⁴ Cf. CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965. Constituição Dogmática *Dei Verbum* (sobre a revelação divina). In: _____. *Documentos do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 1966. p. 817-836. n. 2.

revela-se como um Deus amoroso, perdoador se revela como misericordioso. Desde o “contexto da aliança Deus se revela como o Deus fiel que não falta com Seu amor leal e misericordioso”²⁵. Assim, “na ação e no dinamismo de Seu amor, Deus se revela como Deus de amor”²⁶.

Dentro da ética joanina essa fórmula “Deus é amor” tem um lugar central que é fundamental para se entender o “princípio do amor”.

Esse amor revelado na pessoa de Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, um chamado à resposta, que deve ser assumido livremente pelo cristão. Esse pode responder em forma de seguimento, de sequela, ou pode rejeitar a Verdade revelada, sua real imagem, com a conseqüente assunção de outro modo de vida²⁷. Da correta imagem de Cristo apresentada pelo texto, devemos passar para a resposta moral dada por aquele que crê, ou seja, da fé passa-se à atitude moral, como resposta à fé.

1.3. A RESPOSTA DE FÉ

Como vimos, a imagem de Deus revelado em Jesus Cristo é a de um Deus amor. Por isso, dentro da ética da 1Jo, a resposta do homem para a autorrevelação e autocomunicação de Deus Pai em Seu Filho Jesus Cristo é uma resposta de fé, melhor dizendo, resposta de fé que opera através do amor. Vejamos como explicar isso.

A encarnação de Jesus é a manifestação histórica do amor de Deus e esta manifestação “está na origem e no fundamento da experiência de fé”²⁸. Deus se doa e doa ao homem a possibilidade de viver em relação com Ele, e essa doação, que espera depois pela resposta do homem, está na base da vida cristã, da vida de fé.

Na teologia joanina a fé aparece como a resposta exigida diante da revelação de Deus Pai em Jesus Cristo. Depois da multiplicação dos pães os

²⁵ FABRIS, 2007, p. 95.

²⁶ SCHNACKENBURG, 1990, p. 219.

²⁷ *Ibid.*, p.200.

²⁸ FABRIS, 2007, p. 95.

interlocutores de Jesus perguntaram: “Que faremos para praticar as obras de Deus?” (Jo 6,28). Jesus então respondeu: “A obra de Deus é esta: que creiais naquele que Ele enviou” (Jo 6,29). Em primeiro lugar vemos que a resposta de fé é uma adesão à pessoa de Jesus, o enviado do Pai. Crer significa crer Nele, dar assentimento à Sua pessoa, confiar-se a Ele. Como consequência, crer em Jesus significa deixar-se guiar por Suas palavras que, por meio do Espírito Santo, são atualizadas na vida dos fiéis²⁹.

Diante da pergunta dos judeus, Jesus não faz nenhuma exigência particular, não dita nenhuma lei específica a ser cumprida, não emana nenhum ditame pormenorizado sobre uma questão particular. Ele requer uma resposta de fé, que no fundo é uma ação moral, pois o que está em jogo é a decisão livre de crer como enviado do Pai³⁰.

Sendo a própria pessoa de Jesus o conteúdo da revelação, no qual o amor de Deus se revela e se encarna, o ato de crer coloca o crente no dinamismo do amor. Crer em Jesus é crer no amor que Dele recebemos e que a Ele, por meio da fé, respondemos. O discípulo crê no amor de Deus revelado, feito homem em Jesus Cristo e, crendo nesse amor, ele mesmo passa a ser motivado a amar. O discípulo é chamado a crer amando e a amar crendo³¹. Crer, como resposta de fé, e amar, como atitude moral, são a mesma e única exigência ao discípulo de Cristo, de modo que se pode reduzir a esses dois mandamentos a mensagem ética da 1Jo³².

Dentro dessa perspectiva do dinamismo entre a fé e o amor, com certa frequência aparece o verbo conhecer (γινώσκειν)³³. Em uma das passagens centrais da 1Jo, o autor afirma: “Nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem para conosco” (1Jo 4,16). Conhecer nesse sentido não é só o saber, o ter a informação, mas revela algo mais profundo, uma experiência pessoal com

²⁹ Cf. SCHNACKENBURG, 1990, p. 216-217.

³⁰ Cf. *Ibid.*, p. 211.

³¹ A interessante circularidade entre fé e amor na teologia joanina é colocada em evidência por Bultmann no seu comentário sobre a 1Jo 3,15. Ele escreve: “a expressão ἐν αὐτῷ μένουσαν mostra que se o cristão além da fé não tem também o amor, pode perder o dom da ζωὴν αἰώνιον (vida eterna)” (BULTMANN, 1977, p. 96). O mesmo se pode ver em SCHNACKENBURG, 1990, p. 214.

³² Cf. SCHNACKENBURG, 1990, p. 215.

³³ Um total de 25 recorrências desse verbo somente em 1Jo.

aquilo ou com quem se conhece. Assim, a fé é consequência do fato de conhecer e de, outro lado, proporciona um progresso a um mais profundo conhecimento.

No nosso caso, a fé em Jesus é consequência do fato de conhecer o Seu amor e, como resposta, proporciona um maior conhecimento de Cristo. Conhecer e crer no amor, como ato moral que implica uma fé que age pelo amor, fazem parte da mesma confissão de fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus³⁴. Podemos ver aqui uma circularidade onde "a fé é necessária para reconhecer o amor de Deus e o conhecimento do amor é necessário para a fé"³⁵.

Mesmo assim, podemos postular cronologicamente, no que diz respeito à resposta do cristão, uma certa primazia da fé, isto é, a fé vem primeiro do que o amor³⁶, pois ninguém pode amar se não conhece o amor. Fazendo a experiência de conhecer o amor de Deus, a fé é despertada e pode agir pelo amor (Cf. 1Jo 4,7)³⁷.

Como já dissemos, a fé em Jesus coloca o cristão no dinamismo do amor. Na verdade, o amor aparece como fruto da fé, pois crer em Jesus e no amor do Pai que Ele revela, tem como consequência que o cristão se comprometa a amar. Uma vez que Deus enviou o seu Filho para a salvação do mundo, revelando assim o Seu imenso amor, esse amor se torna a norma mais fundamental do cristão³⁸. O amor torna-se, portanto, a resposta de fé do cristão no amor de Deus. Amar é a fundamental resposta moral do qual derivam todas as demais atitudes pormenorizadas.

Sem dúvida o cristão ama porque antes foi amado. A teologia que está por detrás da 1Jo é a da iniciativa do amor de Deus que se torna o fundamento, a razão da resposta de fé, fé essa que atua pelo amor, ou seja, que é resposta de amor ao amor de Deus. O que o cristão faz é agir em conformidade com o amor que recebeu de Deus³⁹.

³⁴ Cf. BULTMANN, 1977, p. 120.

³⁵ SCHNACKENBURG, 1990, p. 215.

³⁶ Cf. BULTMANN, 1977, p. 102.

³⁷ Cf. FABRIS, 2007, p. 94.

³⁸ Cf. SCHNACKENBURG, 1980, p. 252.

³⁹ Cf. BROWN, 1986, p. 659.

Da fé no amor de Deus manifestado historicamente em Jesus Cristo nasce o amor-resposta, não como um mandamento imposto externamente ao homem, mas “como consequência e fruto da autêntica fé”⁴⁰. Sem dúvida, tomando consciência do amor de Deus manifestado em Jesus, o cristão passa a se empenhar pelo amor como fez Jesus⁴¹. Assim se expressou o autor da 1Jo: “Nisto temos conhecido o amor: (Jesus) deu sua vida por nós. Também nós outros devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos” (1Jo 3,16).

Outro importante dado é que o amor não é só o modo de agir de Deus, mas indica o Seu próprio ser. A expressão “amor de Deus” (ἐκ τοῦ θεοῦ), que aparece na 1Jo no genitivo, pode ter dois significados. O primeiro seria o de pertença, isto é, o amor que pertence a Deus⁴² e que Ele tem pelos homens. O segundo não indica algo que pertence a Deus, mas algo que Ele mesmo é⁴³. Portanto, ao falar do “amor de Deus”, não só entende-se dizer o amor que pertence a Ele, mas que “Deus é amor”⁴⁴.

A partir do amor de Deus por nós entendemos o que é o amor. Entendemos que é um “dom oferecido por Deus”⁴⁵, antes de ser um mandamento, de modo que ser cristão é acolher esse dom e, num ato autêntico de fé em Jesus Cristo, como enviado do Pai e encarnação do seu amor, responder amando⁴⁶.

Não sem importância é a constatação de que o amor com o qual somos chamados a responder a Cristo seja o mesmo *agápe*⁴⁷ com que Ele nos amou: “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos amo”

⁴⁰ SCHNACKENBURG, 1990, p. 214.

⁴¹ Cf. FABRIS, 2007, p. 96.

⁴² Tratar-se-ia então de genitivo subjetivo.

⁴³ Neste caso, tratar-se-ia de um genitivo epexeagético.

⁴⁴ Cf. SCHNACKENBURG, 1980, p. 252.

⁴⁵ FABRIS, 2007, p. 96.

⁴⁶ Cf. SCHNACKENBURG, 1980, p. 253. 258; BULTMANN, 1977, p.97.

⁴⁷ “No Evangelho de João e nas três Cartas de João, com relação ao uso de *ágape* (28 vezes) e *agápe* (68 vezes) apresentam concordâncias e diferenças. Uma importante diferença está no fato que o quarto Evangelho insiste especialmente sobre o amor de Jesus ou de Cristo e sobre o amor por Ele, enquanto as cartas falam mais frequentemente do amor de Deus e do amor a Deus. Mas, de fato, isso não pode significar uma diferença decisiva. Em ambos os escritos o discurso diz respeito ao amor ‘recíproco’, mas só nas cartas se fala do ‘amor fraterno’” (H. BALZ – G. SCHNEIDER (Org.) ἀγάπη/γαπάπη In: _____. *Dizionario Esetico del Nuovo Testamento*, 29).

(Jo 15,12). Essa resposta de fé a Cristo torna-se concreta no amor aos irmãos, que passaremos a estudar em seguida.

1.4. O AMOR FRATERO

Talvez uma pergunta que surja nesse momento é: Em que consiste esse amor que o cristão deve ter? Certamente não estamos falando de um amor abstrato, de um puro sentimento, mas estamos falando de um amor que se torna obra da fé em Jesus, um amor concreto como aquele de Cristo na cruz. Essa resposta de fé-amor se torna concreta no amor pelos irmãos⁴⁸. O tema do amor aos irmãos "parece pertencer a três partes diferentes da carta, ainda que sempre do ponto de vista particular (2,7-11; 3,11-18; 4,7-21s)"⁴⁹.

Destas passagens, podemos concluir que o cristão se compromete na fé a amar seus irmãos como Jesus o amou, o que significa amar com a disponibilidade de sacrifício da própria vida. O cristão se torna, por sua fé, cotidianamente disponível ao amor fraterno desde os pequenos aos grandes atos. Sua disposição cotidiana é um sinal da abertura ao dom total de si, que poderia chegar ao mesmo sacrifício de Cristo (Cf. 1Jo 3,16-20; 4,11-21)⁵⁰.

Para o cristão, aquela disponibilidade do amor de Deus que ofereceu Seu Filho por nós é assumida como critério também de nossas relações de modo concreto⁵¹. Por isso o autor da 1Jo fala de um amor em obras e verdade (Cf. 1Jo 3,18), de modo que a prática do amor fraterno, nas mais diversas situações, é condição sem a qual o cristão não pode dizer que ama a Deus⁵².

No fundo a passagem obrigatória que se deve fazer é a da experiência do amor que vem de Deus, e que é acolhido na fé, ao compromisso do amor

⁴⁸ "Aqui ele não está analisando o afeto que os membros de uma família sentem uns pelos outros. Ao contrário, o que faz é escrever o verbo amar, que significa 'amor divino'. João indica que Deus inicia o amor, derrama-o sobre seu povo e espera que por seu turno os membros desse povo manifestem esse mesmo amor uns pelos outros" (KISTEMAKER, S.J. *New Testament Commentary: James and I-III John*. Grand Rapids: Baker Book House, 1986. p. 377).

⁴⁹ SCHNACKENBURG, 1980, p. 172.

⁵⁰ BULTMANN, 1977, p. 97; R. FABRIS, *Lettere di Giovanni*, 80.

⁵¹ Cf. FABRIS, 2007, p. 97.

⁵² Cf. SCHNACKENBURG, 1990, p. 229.

mútuo⁵³, de modo que o agir moral é fundado no amor e tem o amor como objetivo⁵⁴. Concluindo, podemos afirmar que da correta imagem de Deus como amor revelado em Jesus Cristo, se passa ao empenho moral como empenho de fé que age através do amor, especificamente aquele fraterno.

Depois de termos estudado, em linhas gerais, a 1Jo a fim de compreender o chamado “princípio do amor” como elemento da mensagem moral contida no “Corpus Joanino”, podemos dar o próximo passo do nosso estudo. Passaremos agora a ver como este princípio se coloca, concretamente, dentro da experiência cristã e como incide sobre a dimensão moral da existência dos discípulos de Jesus.

2. A VIDA MORAL CRISTÃ COMO ASSUNÇÃO DO CRITÉRIO DO AMOR

Na primeira parte do nosso artigo, estudamos como na 1Jo se expressou a passagem da fé em Cristo para o amor como critério da vida moral cristã. Mantendo-nos no horizonte da revelação, como nos foi transmitida nas Sagradas Escritura, passaremos a analisar algumas categorias morais envolvidas nessa passagem da fé para uma vida moral vivida a partir do fundamento e do critério do amor.

Faremos isso em cinco pontos. No primeiro veremos como Jesus, na sua relação com os Doze, revelou ao homem o amor como elemento fundamental da moral cristã. No segundo ponto trataremos sobre a passagem do encontro com o Senhor para a assunção do amor como fundamento e critério da resposta moral cristã. No terceiro ponto, meditaremos sobre o seguimento de Cristo, que toma forma de conversão contínua. No quarto ponto, trataremos da relação entre a oração e a vida moral. Por fim, no quinto ponto, veremos como na celebração da Santíssima Eucaristia se recapitula a vida moral na fé em Jesus.

⁵³ Cf. FABRIS, 2007, p. 101.

⁵⁴ Cf. SCHNACKENBURG, 1990, p. 223; Id., 1990, p. 232-233.

2.1. O ELEMENTO FUNDAMENTAL DA MORAL CRISTÃ

O momento atual parece ter colocado em jogo o sentido mais profundo da vida cristã, relegando-a à pertença institucional à Igreja e ao cumprimento meticuloso das leis impostas por essa instituição. Tal visão não só esvazia o sentido de ser cristão, como também é fonte de um cristianismo frágil, superficial, descompromissado com a realidade concreta. Cremos que, para corrigir estes erros, é necessário partir do conhecimento daquilo que Bento XVI chamou de "o centro da fé cristã"⁵⁵, que são a imagem de Deus e a consequente imagem do homem e do seu caminho, que tornam evidente o momento fundacional do ser cristão e o horizonte moral aberto a partir de então.

Na 1Jo vimos como os discípulos compreenderam a imagem de Deus: "Deus é amor" (1Jo 4,16) e esse amor se encarnou na pessoa de Jesus Cristo. Deus nos amou por primeiro em Seu Filho, de modo que o homem, quando se encontra com Cristo, faz a verdadeira experiência do amor, pode desvelar a sua verdadeira imagem e, ao mesmo tempo, decidir, a partir dessa experiência, o rumo da sua vida, o modo como vai vivê-la.

Essa foi a experiência que os discípulos de Jesus fizeram, particularmente os Doze. Eles encontraram-se com o amor de Deus encarnado em Jesus Cristo. Fizeram a experiência da gratuidade do amor de Deus que vem ao encontro, que toma a iniciativa. É a experiência de um amor que salva, que perdoa, que liberta, que capacita. Jesus deu rosto a este amor por meio de seu critério de vida, concretizado em cada uma de Suas escolhas, no modo como vivia Suas relações, no modo como ia ao encontro do outro. Caminhando com Ele, ouvindo-O e vendo-O agir, os discípulos viram o que significava amar.

Depois da experiência com Cristo ressuscitado, a Igreja pôde meditar de um modo profundo sua experiência com Jesus. Dessa meditação na fé nasce a convicção de que Jesus, na sua humanidade, havia vivido uma vida que era a plenitude da vida humana, pois era vivida segundo o amor, com radical autenticidade moral. Sua vida e, particularmente, Sua morte de cruz e Sua

⁵⁵ BENTO XVI, 2006, n. 1.

ressurreição, atestavam que viver o amor como fundamento e critério de vida era a possibilidade de viver plenamente como ser humano. Aquela plenitude de vida que o ser humano procura concretizar no seu agir é encarnada em Jesus Cristo, de modo que Ele é o cumprimento da plenitude da vida moral, compreendida como resposta livre e consciente de amor a Deus, ao outro e a si mesmo.

Os discípulos não só viram que na resposta de Jesus se cumpria o pleno desejo do Pai para os homens, mas viram também que através dela eles haviam sido libertados, capacitados, agraciados para viverem segundo esta mesma lógica, esta mesma intencionalidade. De maneira inédita, impensável, de dentro da história, Cristo redime a história dos homens e torna possível viver com Ele e Nele segundo a lógica do amor de Deus. Em Cristo se cumpre a Nova e Eterna Aliança e o homem é de novo capaz de responder por Ele, Nele e com Ele o “sim” fiel ao amor gratuito, salvador e libertador do Pai.

A partir do encontro com Cristo e da resposta de fé a Nele, como o cumprimento da plenitude do ser humano, os discípulos foram impulsionados a assumir livremente o mesmo modo de viver de Jesus, vivendo simultaneamente uma experiência de fé e de consciência moral, da qual nasce a resposta de vida fundada no amor. Desta experiência de fé, que “é um ato vital; relaciona uma pessoa com outra para sempre”⁵⁶, eles passam a seguir Jesus, partindo da conversão de suas mentalidades em busca de uma sempre mais profunda conformação com Cristo na plenitude da resposta de amor ao Pai por meio do amor aos irmãos⁵⁷. Vejamos como, do ponto de vista moral, podemos descrever os elementos refletidos neste ponto.

2.2. DO ENCONTRO COM CRISTO PARA A ASSUNÇÃO DO SEU CRITÉRIO DE VIDA

A experiência pessoal com o amor de Deus encarnado em Cristo Jesus, como evento fundante da vida cristã, tem uma dupla dimensão. Em primeiro

⁵⁶ PINCKAERS, S.-TH. A moral católica. São Paulo: Quadrante, 2015. p. 104.

⁵⁷ Ao longo do Evangelho, vemos esses três passos serem iconografados por meio de figuras de encontro, de sequela e de conversão. Lembremo-nos, por exemplo, de Zaquê (Cf. Lc 19,1-10), de Simão Pedro (Cf. Lc 5,1-11 e 22,7-65) e de tantos outros que se encontraram com Jesus, reconheceram Nele o amor do Pai e a possível resposta plena do homem e, por isso, assumiram o Seu modo de vida fundado no amor.

lugar, por meio de Cristo é que Deus vem ao encontro da pessoa com Seu amor salvador, que perdoa, um amor que propõe comunhão, que quer viver numa relação pessoal. Ele revela esse amor revelando a Si mesmo e o Seu desejo de comunhão, de relação. Fazendo desse amor um dom, Ele o confia à responsabilidade pessoal, esperando do homem uma livre resposta de fé, que é adesão a este amor, a esta relação pessoal de amor.

Ao mesmo tempo, neste encontro, o cristão vê em Cristo a plenitude da resposta humana dada ao amor do Pai. Em suas palavras e gestos, Jesus assume e encarna aquele critério divino de fazer-se próximo e também o ideal de comunhão que é proposto pelo Pai. Cristo responde ao amor com o amor, amando concretamente os irmãos, doando-se a eles até Sua morte e ressurreição, de modo gratuito e desinteressado. Em Jesus o cristão vê como possível uma vida segundo o critério do amor-comunhão, pois ele reconhece esta vida vivida por um homem, pelo Homem.

No encontro com Cristo, os discípulos não só reconheceram nele o amor de Deus encarnado, mas ao mesmo tempo, o amor de Deus vivido plenamente por um homem. Jesus ama o homem com amor divino e, como homem, Ele vive esse amor como fundamento do Seu agir. Ele é o primeiro a cumprir o duplo mandamento do amor. Assim, é lícito afirmar que o amor está no centro da vida cristã⁵⁸.

O resultado deste encontro, com esta sua dupla dimensão, é que a pessoa encontrada por Deus é libertada na sua capacidade de conhecer e de livremente escolher, isto é, ela é capacitada a dar uma resposta de fé que é, ao mesmo tempo, resposta moral, pois é resposta livre e consciente. Deus torna a pessoa, por Sua graça, capaz de reconhecê-Lo como amor que salva, amor que perdoa, que propõe comunhão, que quer viver numa relação pessoal, e lhe dá a capacidade de responder a Ele (Cf. Lc 19,1-10).

⁵⁸ Cf. GARCÍA, A. G. Hemos creído en el amor de Dios: la opción fundamental como orientación decisiva del cristianismo, In:_____. FLECHA, J-R. (Ed.). *Dios es amor: Comentarios a la Encíclica de Benedicto XVI Deus caritas est.* Ensayos de teología 2. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 2007, p. 175.

O cristão que se encontrou verdadeiramente com Jesus e reconheceu Nele o amor do Pai e o cumprimento da Sua vida como homem, como filho de Deus, acolhe em Cristo e com Ele esse mesmo amor como fundamento e critério de sua vida e de sua resposta de fé. Ele responde a Deus acolhendo a comunhão com Ele e acolhendo o amor-comunhão como objetivo do seu viver, passando a fazer-se próximo de seus irmãos, a construir um mundo de irmãos e de comunhão.

O primeiro passo da resposta moral fundamental do cristão é, portanto, conhecer, melhor dizendo, reconhecer e crer nesse amor que Deus lhe tem. Do "encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo"⁵⁹, e que revela Seu amor de modo mais radical na cruz⁶⁰, nasce a resposta ética do cristão, a orientação decisiva de sua vida⁶¹.

É a partir da acolhida da relação de amor com Deus, que é também acolhida do Seu critério de amor-comunhão, que o cristão passa a viver a sua vida, as relações que constrói e as decisões que toma. A vida do cristão na sua totalidade passa a ser vista, compreendida, julgada e atuada, a partir dessa relação de amor libertadora do homem. A partir dessa relação, para o cristão, o amar se torna sua "lei" (Cf. Rm 13,8-10). Dizendo de outro modo, se pode afirmar que ao dizer "eu creio no amor de Deus", "pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida"⁶², opção esta que nasce do encontro pessoal com o Senhor.

Jesus nos ama e nos dá a possibilidade de experimentarmos Seu amor e, dessa atitude antecipada de Deus, que nos ama por primeiro, nasce dentro de nós uma resposta de amor, não como imposição, mas como consequência lógica de ser amado. Partindo desta experiência do amor de Deus, amar "já não se trata de um mandamento que do exterior nos impõe

⁵⁹ BENTO XVI, 2006, n. 1.

⁶⁰ Cf. GARCÍA, 2007, p. 177-178.

⁶¹ Cf. *Ibid.*, p. 180.

⁶² BENTO XVI, 2006, n. 1.

o impossível, mas de uma experiência do amor proporcionada do interior, um amor que, por sua natureza, deve ser ulteriormente comunicado aos outros⁶³. Assim, o amor de Deus por nós torna possível a nossa resposta e nos livra de um moralismo cristão, em outras palavras, de um farisaísmo batizado⁶⁴.

O amor pode ser mandado⁶⁵ no sentido de que antes o homem é amado e, portanto, o amor é mandamento-resposta, uma resposta que nasce como consequência do ser amado e que empenha o homem totalmente, segundo todas as suas potencialidades, pois ele foi todo amado em Cristo e por Cristo⁶⁶. Grande relevância recai sobre a liberdade, por meio da qual o ser humano assume como seu o critério de Deus.

O cristão só é capaz de viver sua vida moral como expressão de amor a Deus e ao próximo, porque antes conheceu o Amor, se tornou pleno Dele, vive Dele na Eucaristia, se alimenta também Dele e Dele faz memória por meio da meditação das Sagradas Escrituras, contempla-O por meio da contemplação da cruz com o Crucificado⁶⁷.

A livre resposta do homem a Deus, como participação da resposta de Cristo ao Pai, nasce, portanto, de um verdadeiro e profundo encontro com o seu Redentor, da sua união com Ele⁶⁸. Assim,

⁶³ Ibid., n. 18.

⁶⁴ Cf. SCOLA, A; BENEDETTO XVI. *Deus caritas est* Enciclica: Introduzione e commento di Angelo Scola. Siena: Cantagalli, 2006. n. 77.

⁶⁵ O amor como mandamento nasce na tradição do Deuteronômio, como elemento específico da conclusão de uma aliança, sendo posteriormente assumido na tradição sacerdotal e acolhido assumido por Jesus como critério fundamental de resposta a Deus amando os irmãos. A propósito veja-se: VRIEZEN, T.C. *Das Hiphil von 'amar* in Dt 26,17-18. In: _____. *Jaarbericht van het Vooraziatisch-Egyptisch Genootschap Ex Oriente Lux* 17 (1964), 207-210; PERLITT, L. *Bundestheologie im Alten Testament*. Wissenschaftliche Monographien Zum Alten und Neuen Testament. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1969. v. 36. p. 102-115; LOHFINK, N. *Das Hauptgebot: Eine Untersuchung literarischer Einleitungsfragen zun Dtn 5-11*. *Analecta Biblica - AnBib* 20. Rome: Biblical Institute Press, 1963).

⁶⁶ Cf. SCOLA; BENEDETTO XVI, 2006, n. 76.

⁶⁷ Cf. MACARIO, L. Dio è amore: Educare in prospettiva preventiva. In: DAL COVOLO, E; TOSO, M. (Ed.). *Attratti dall'amore: riflessioni sull'Enciclica Deus Caritas est* di Benedetto XVI. Roma: LAS, 2006. p. 83.

⁶⁸ Cf. FALCIOLA, P. *Redemptor hominis: Un'Enciclica per l'uomo d'oggi*. In: _____. *Redemptor Hominis: un'enciclica per l'uomo d'oggi: IX assemblea internazionale delle religiose delegate generali della Pontificia Unione Missionaria Roma, 3-5 novembre 1979*. Roma: Pontificia Unione Missionaria: Pontificie Opere Missionarie, 1979. p. 16.

*ser cristão significa responder ao desígnio providencial e misericordioso de Deus, mediante uma inserção consciente e real em Cristo, mediante uma morte mística Nele e mediante o renascimento e a redenção do homem interior*⁶⁹.

Por isso, ele precisa entrar na escola do amor, para aprender amar amando, fazendo crescer o amor por meio do amar⁷⁰. Unido ao Amor, ele passa a querer e a não querer o que o Amor quer e não quer. Dessa união nasce toda decisão ética cristã. É, portanto, no amor intratrinitário, manifestado *ad extra* no mistério de Cristo, que "se encontra o primeiro fundamento teológico que motiva a opção fundamental de um crente"⁷¹ em favor do amor, como opção moral de uma vida moral cristã fundada sobre a imagem de Deus-Amor.

Esta assunção livre e consciente do amor como fundamento e critério de resposta moral, a partir do encontro com o amor de Deus, do encontro pessoal com Jesus Cristo, não é uma resposta de fé dada uma vez por todas. Por isso, devemos dar o próximo passo, o da compreensão desta resposta como *sequela Christi*.

2.3. A SEQUELA CHRISTI

Se o cristão vive sinceramente sua relação com Cristo, isto significa que ele também sabe que ainda não está plenamente nesta relação. Ele se dá conta que existe ainda na sua vida qualquer coisa que pertence ao pecado, qualquer coisa que ele escolhe não na transparência da comunhão com Deus, a partir da relação com Ele, mas com finalidade divergente, com aspirações egoístas, com outra lógica que não a do amor⁷².

⁶⁹ ANCILLI, E. Misericordia e peccato. In: MARTINS, J.S. (Ed.). Dives in misericordia: Commento all'Enciclica di Giovanni Paolo. Studia Urbaniana 13. Brescia: Paideia, 1981. p. 318.

⁷⁰ Cf. BENTO XVI, 2006, n. 18.

⁷¹ GARCÍA, 2007, p. 62-63.

⁷² Cf. BASTIANEL, S. Gli esercizi spirituali nella vita cristiana. *Consacrazione e Servizio* LI/10, Roma : Unione delle Superiore Maggiori d'Italia, 2002. p. 20-29.

Assim, o cristão sabe que para responder ao amor de Deus, revelado e plenamente assumido em Jesus Cristo, ele tem necessidade de entrar no caminho do discipulado. Assim o faz, pois sabe que deve cuidar de sua relação com Deus de modo a continuar sendo capacitado por Ele a uma consciência e uma liberdade sempre mais profunda e límpida.

Quem experimenta o amor de Deus se dispõe a um caminho contínuo de mudança de vida, de critério de escolha. Coloca-se em um *status conversionis* em busca do verdadeiro bem que pode realizar o ser do homem pessoalmente e socialmente⁷³. Por este motivo, o cristão sabe que precisa constantemente rever e requalificar sua resposta de fé dentro desta relação com o Senhor, de modo que a *sequela* assuma o rosto de uma constante conversão, pois a *sequela Christi* significa conversão contínua.

O termo conversão foi amplamente usado no Antigo e no Novo Testamento. Mesmo com a distinção dos vocábulos, quer seja no hebraico, quer seja no grego, o termo sempre indicou a mudança do homem na sua totalidade, nas suas dimensões interiores e exteriores. Esta conversão é, antes de tudo, conversão moral, pois compromete a liberdade e a consciência do homem. Ao mesmo tempo, converter-se é fruto da relação com Deus que tem como graça a libertação da consciência e da liberdade do homem.

Libertação da consciência, pois em Cristo o homem vê limpidamente como viver segundo o amor-comunhão proposto por Deus. Libertação da liberdade, pois a partir dessa relação o homem se torna livre no seu agir, uma vez que colocou toda a sua confiança no Senhor, e porque sabe que não tem nenhum outro senhor, nem ele mesmo, que o escravize.

De outro lado, esta conversão também atinge dois níveis do viver pessoal: o nível da escolha fundamental e o nível das escolhas concretas. O caminho de conversão significa assumir sempre mais solidamente o amor como orientação de base da própria vida moral. Significa confirmar sempre mais a decisão pelo amor como o fundamento da vida cristã.

⁷³ Cf. JOÃO PAULO II, Papa. Carta encíclica *dives in misericordia*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 13.

Como a confirmação e a solidificação da escolha fundamental se dão por meio das escolhas concretas, do mesmo modo que estas poderiam enfraquecer aquela, converter-se significa também colocar atos concretos que tornem atuais o fundamento do amor. A partir da relação com o Senhor, o cristão assume o Seu mesmo critério de amor no seu julgar e no seu decidir. Conversão a Cristo, ao Seu amor, será, portanto, "o seguimento continuado, aprendendo Dele, assumindo na comunhão oferecida as Suas mesmas atitudes interiores"⁷⁴.

Como o cristão é parte de uma comunidade, a Igreja, que também faz como um todo este caminho de seguimento e de conversão, ele não se encontra só. Ele caminha com a Igreja, dela recebe sustento por meio do anúncio da Palavra e da recepção dos sacramentos, reza com ela na liturgia, partilha, caminha e vive a dimensão comunitária do seguimento de Jesus.

Como tudo brota da relação com Jesus, o caminho de seguimento, de discipulado, de sequela e de conversão, que abarca toda a vida da pessoa e da comunidade, dependerá da qualidade da relação estabelecida com Ele. A tradição espiritual e moral da Igreja sempre reconheceu que, dentro da vida cristã, um espaço fecundo de cultivar e qualificar nossa relação com Cristo é a oração. Faz-se, portanto, necessário que afrontemos um tema importante a ser considerado em nosso estudo: a relação entre a oração e a vida moral, em estreita relação com o binômio "sequela e conversão".

2.4. ORAÇÃO E VIDA MORAL

O tema da oração dentro da vida cristã é de capital importância e, no âmbito da teologia moral, tem ganhado especial relevância. Ao pensar em vida moral, o termo moral imediatamente nos leva à pessoa, em dois sentidos complementares: à pessoa como um sujeito que age na sua unidade, e o faz a partir da liberdade e da consciência e, por isso, assumindo

⁷⁴ BASTIANEL S. Conversão. In: COMPAGNONI, F.; PIANA, G.; PRIVITERA, S. (Ed.). *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 166.

a responsabilidade dos seus atos. O termo moral só é usado corretamente se evoca um empenho da unidade interior de liberdade e consciência de um sujeito. Para o cristão, vida moral é a sua vida vivida como resposta livre e consciente ao amor de Deus encarnado em Jesus Cristo, partindo de sua intencionalidade e concretizando-se nas suas atitudes concretas.

O outro termo de nosso discurso é a oração. Falar de oração é falar de um momento de relação explícita com Deus. Explícita no sentido de tempo dedicado exclusivamente a esta relação, tendo como meio tudo que pode fomentá-la: escuta, diálogo, etc.

Esta nasce de um encontro pessoal com o Senhor e se estabelece em diversos momentos da vida do homem. Sendo assim, rezar não se reduz ao cumprimento de atos por parte do homem – estar de joelhos, levantar os braços, etc. – e à recitação de fórmulas de orações decoradas – Ave-Maria, Pai-nosso etc.–, mas, além de tudo isso, é viver um momento de exclusiva e explícita relação com Jesus⁷⁵.

Falar da relação entre vida moral e oração, dentro da vida cristã, é falar da vida moral vivida dentro dessa relação com Deus, isto é, vivida na e a partir da oração. É a vida do cristão que, no que tange a sua resposta de fé concretamente vivida, assume a sua unidade interior em explícita relação com Deus, a partir de um encontro com Ele.

Este momento de relação com Deus, na oração, é antes de tudo querido e preparado por Deus mesmo. É Ele quem se faz próximo, é Ele que por primeiro se dispõe à comunhão, oferece a possibilidade de comunhão. Esta atitude de Deus revela o critério com o qual ele se aproxima do homem, o amor, e revela também a sua intencionalidade de comunhão com o homem e para o homem. A oração, portanto, se torna espaço de compreensão deste critério divino.

A partir da compreensão deste critério de Deus, e “dentro desta comunhão com Ele, cada relação com os homens terá a comunhão como

⁷⁵ Cf. IGREJA CATÓLICA. *Catechismus Catholicae Ecclesiae*. Editio Typica Latina. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1997. n. 2559-2565.

sentido e como fim: a caridade, alma da moral cristã⁷⁶. Isto é, dentro dessa comunhão vivida na oração, o cristão assume e passa viver a mesma lógica de amor de Jesus em sua vida concreta.

Esse encontro-relação com Cristo é também espaço de escuta de Sua Palavra criadora e salvadora, Palavra que oferece ao fiel um horizonte de sentido, aquele do amor, com o qual pode ler e compreender a realidade e a si mesmo. Na oração, o cristão encontra a chave de interpretação de sua existência, pois se encontra com o Senhor e com a Sua vontade.

Deus não só fala com o homem, mas o faz capaz de ser Seu interlocutor e lhe dá a possibilidade de exercitar essa capacidade. Dentro da oração, a partir da escuta da Palavra, o homem pode falar com Deus, tendo como objeto deste diálogo a sua vida, as suas decisões, de tal modo que passa compreender e decidir tais realidades a partir de sua relação com Jesus e com os mesmos critérios Dele.

O espaço da relação se torna, então, espaço de diálogo com Deus, onde o cristão torna explícita a sua vida, o seu passado, as realidades que deve compreender, avaliar, diante das quais deve se decidir. Ao mesmo tempo é espaço da escuta de Deus, a partir da qual ele então compreende, avalia, e decide sobre a sua vida vivida em relação com o Senhor.

Concluimos, portanto, que a experiência do encontro-relação com Deus, vivida explicitamente na oração, é, inseparavelmente, experiência de fé e moral, ou seja, é experiência de acolhida do dom de Deus oferecido como possibilidade e de resposta livre e consciente. Sendo assim, a falta de oração na vida cristã causa um enfraquecimento da qualidade da resposta de fé e da vida moral cristã, pois enfraquece a relação com Deus, ponto de partida de uma vida de fé e de uma resposta moral qualificada.

É dentro deste espaço da oração que o homem pode unificar sua vida, isto é, pode ordenar todo o seu viver tendo como forma do seu agir e o ponto de convergência o amor reconhecido como fundamento

⁷⁶ BASTIANEL, S. *Vita morale nella fede in Gesù Cristo*. Intellectus fidei 5. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2005. p. 142.

do seu existir. Pode unificar a sua decisão de responder positivamente a Deus, vivendo de modo coerente a circularidade entre o seu ser decidido pelo bem moral, pelo amor, e a concretização dessa intencionalidade nas escolhas particulares.

A relação com Deus no seu aspecto da fé e da moral não é uma realidade terminada, mas é um caminho de *sequela*, de seguimento, uma vez que nossa acolhida e nossa resposta ao amor de Deus nunca são perfeitas. No fundo podemos dizer que não compreendemos tudo a partir desta relação, que ainda não amamos como poderíamos.

Assim, tanto a acolhida de Deus e do Seu amor e a resposta a Ele devem ser sempre requalificadas, e o fazemos dentro do espaço da oração, como um espaço não só de resposta, mas de verificação da resposta dada, da escolha feita, da compreensão ainda mais profunda da realidade.

Na oração, portanto, se deve ter o cuidado sempre mais crescente com o encontro com Deus, com o discernimento, com a compreensão da realidade a fim de vivê-la com os mesmos critérios de Deus, assumidos livre e conscientemente. O cristão deve, portanto, cuidar de seu amadurecimento moral cuidando de sua vida de oração.

2.5. EUCARISTIA E VIDA MORAL

Ao fim deste pequeno percurso podemos ainda ver como na celebração da Santa Missa o cristão de hoje poderia viver o desenrolar desse processo de assunção do critério de amor-comunhão proposto e vivido por Jesus. A celebração da Eucaristia é a celebração da comunidade cristã, da Igreja, da *Ekklesia*, isto é, da assembleia convocada por Deus. Mais uma vez é o Senhor que toma a iniciativa do encontro, é Ele quem chama o homem e o acolhe em Sua casa.

Depois, por meio de Sua Palavra anunciada, meditada e acolhida, Deus prepara o Seu povo para o encontro com Ele, o instrui, fala de Si mesmo e de Seu plano de amor, revela ao homem sua intencionalidade de comunhão. Não o faz somente por meio de Sua Palavra, mas cumprindo mais uma vez

Sua entrega, de modo que no Seu Corpo e no Seu Sangue, o cristão pode reconhecer vivamente este amor. Tudo isto, através da Igreja.

Na comunhão o cristão pode, por fim, encontrar-se pessoalmente com este amor, encarnado e sacramentalizado em Jesus na Eucaristia. Por meio da comunhão ele faz comunhão com o Amor, entra em profunda relação pessoal com Ele. Recebe Aquele que se doa inteiramente por amor, com toda gratuidade. Nessa relação ele pode reconhecer, provar e viver desse amor de Deus.

Depois da comunhão ele pode viver aquele "Fazei isto em memória de mim", isto é, assumir livre e conscientemente a lógica de Cristo, respondendo ao Seu amor com um amor semelhante. Ele pode fazer o que fez Jesus, do modo como o fez, em memória Dele.

Ao fim da celebração, depois do *Ite missa est*, ele vai pelo mundo e concretamente se põe a construir a comunhão entre os irmãos. Vive, a partir da relação vivida com Jesus, toda a sua vida, as suas relações, o seu ver, o seu julgar, o seu agir. Ele dá testemunho desse amor de Deus e, por sua própria vida, se torna mediador para outros que querem encontrar-se com Cristo.

3. CONCLUSÃO

No seu primeiro documento, o Papa Bento XVI afirmou, "ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo"⁷⁷. Foi assim com os Apóstolos: eles se encontraram com Cristo e, contemplando Aquele que revela o rosto do Pai (Cf. Jo 14,8-9), compreenderam que "Deus é amor" (1Jo 4,16); e uma vez que foi Ele a amar-nos por primeiro (Cf. 1Jo 4,10), entenderam que o amor é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro, por meio do Seu Filho Jesus Cristo (Cf. Jo 3,16).

Ao longo do nosso artigo, procuramos compreender como o cristão vive esta mesma experiência dos Apóstolos, isto é, vive o encontro com Deus, que é amor, revelado em Jesus Cristo, faz sua profissão de fé Nele e passa a

⁷⁷ BENTO XVI, 2006, n. 1.

agir em consonância com o Amor em que crê. O discípulo de Cristo é aquele que livre e conscientemente dá sua resposta de fé ao Senhor, que passa a viver sua vida a partir do amor como fundamento e critério, isto é, uma vida moral a partir da fé fundada no amor.

Podemos concluir, portanto, que na experiência com o Senhor ressuscitado, o "amor" assume um significado preciso, é dom de si, e que a vida "moral" cristã pode ser compreendida como a fé que atua através da caridade. Assim, uma vida cristã autêntica poderia cooperar para se dar um passo rumo à superação da imprecisão semântica da palavra "amor" e da conotação pejorativa da "moral", colocando esses dois termos e sua vivência concreta numa íntima relação em sentido positivo e construtivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AA.VV. *Dicionário De Latim-Português*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2011.

ANCILLI, E. Misericordia e peccato. In: MARTINS, J.S. (Ed.). *Dives in misericordia: Commento all'Enciclica di Giovanni Paolo*. Studia Urbaniana 13. Brescia: Paideia, 1981. p. 305-318.

BALZ, H.; SCHNEIDER, G. (Org.). *Dizionario Esegético del Nuovo Testamento: Introduzione allo Studio della Bibbia: Supplementi 15*. Brescia: Paideia, 2004.

BASTIANEL, S. Conversão. In: COMPAGNONI, F.; PIANA, G.; PRIVITERA, S. (Ed.). *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 160-171.

_____. Gli esercizi spirituali nella vita cristiana. *Consacrazione e Servizio*, LI/10, Roma : Unione delle Superiore Maggiori d'Italia, 2002. p. 20-29.

_____. *Vita morale nella fede in Gesù Cristo*. Intellectus fidei 5. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2005.

BENTO XVI, papa. *Carta encíclica Deus caritas est*. São Paulo: Paulus, 2006.

BROWN, R. E. *Le lettere di Giovanni*. Assisi: Cittadella, 1986.

BULTMANN, R. *Le lettere di Giovanni: Commentario teologico del Nuovo Testamento XIII/3*. Brescia: Paideia, 1977.

IGREJA CATÓLICA. *Catechismus Catholicae Ecclesiae. Editio Typica Latina*. Città del Vaticano: Libreria editrice vaticana, 1997.

CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965. Decreto Optatum totius (sobre a formação sacerdotal). In:_____. *Documentos do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 1966. p. 713-727.

_____. Constituição Dogmática *Dei Verbum* (sobre a revelação divina). In:_____. *Documentos do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 1966. p. 817-836.

DRIVER, S.R.; PLUMMER, A.; BRIGGS, C.A. *A Critical and Exegetical Commentary on the Johannine Epistles*. Edinburg: T&T Clark, 1957.

FABRIS, R. *Lettere di Giovanni: Nuovo Testamento Commento esegetico e spirituale*. Collana diretta da Santi Grasso: Roma 2007.

FALCIOLA, P. Redemptor hominis: Un'Enciclica per l'uomo d'oggi: In:_____. *Redemptor Hominis: un'enciclica per l'uomo d'oggi*:IX assemblea internazionale delle religiose delegate generali della Pontificia Unione Missionaria Roma, 3-5 novembre 1979.Roma: Pontificia Unione Missionaria: Pontificie Opere Missionarie, 1979. p. 11-22.

GARCÍA, A. G. Hemos creído en el amor de Dios: la opción fundamental como orientación decisiva del cristianismo. In:_____. FLECHA, J-R. (Ed.). *Dios es amor: Comentarios a la Encíclica de Benedicto XVI Deus caritas est*. Ensayos de teología 2. Salamanca: Universidad pontificia de Salamanca, 2007. p. 173-202.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta encíclica Dives in misericordia*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

KISTEMAKER, S. J. *New Testament Commentary: James and I-III John*. Grand Rapids: Baker Book House, 1986.

LOHFINK, N. *Das Hauptgebot*:Eine Untersuchung literarischer Einleitungsfragen zun Dtn 5-11. *Analecta Bíblica - AnBib 20*. Rome: Biblical Institute Press, 1963.

MACARIO, L. Dio è amore: Educare in prospettiva preventiva. In: DAL COVOLO, E; TOSO, M. (Ed.). *Attratti dall'amore: riflessioni sull'Enciclica Deus Caritas est di Benedetto XVI*. Roma: LAS, 2006. p. 75-93.

MORGEN, M. *As Epístolas de João*. Coleção Cadernos Bíblicos 52.São Paulo: Paulinas, 1991.

PANICO, A. L'amore come risposta cristiana alla quotidianizzazione dell'incertezza. In: DALLA TORRE, G. (Ed.). *L'archetipo dell'amore fra gli uomini*: Deus caritas est: riflessione a più voci sull'Enciclica di Benedetto XVI. Quaderni della Libera Università Maria SS. Assunta 28. Roma: Edizioni Studium, 2005. p. 59-66.

PERLITT, L. *Bundestheologie im Alten Testament*. Wissenschaftliche Monographien Zum Alten und Neuen Testament. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1969. v. 36. p. 102-115.

PINCKAERS, S.-TH. *A moral católica*. São Paulo: Quadrante, 2015.

RAVASI, G. *Lettere Apostoliche e Apocalisse*. Il Racconto della Bibbia: 10. Milano: San Paolo, 2006.

RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2013.

SCHNACKENBURG, R. *Cartas de San Juan: versión, introducción y comentario*. Barcelona: Herder, 1980.

_____. *Il messaggio morale del Nuovo Testamento*: I primi predicatori cristiani: Supplementi al commentario Teologico del Nuovo Testamento. Brescia: Paideia, 1990.

SCOLA, A; BENEDETTO XVI. *Deus caritas est Enciclica*: Introduzione e commento di Angelo Scola. Siena: Cantagalli, 2006.

VRIEZEN, T. C. Das Hiphil von 'amar in Dt 26,17-18. In _____. *Jaarbericht van het Vooraziatisch-Egyptisch Genootschap. Ex Oriente Lux* 17(1964), p. 207-210.